



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VINÍCIO GUARIGLIA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-540

Entrevistado: Vinício Guariglia

Nascimento: 31/02/1944

Local da entrevista: Centro de Treinamento do Estado do Rio Grande do Sul

Entrevistadora: Isabela Lisboa Berté e Alexandre Luz Alves

Data da entrevista: 20/03/2015

Transcrição: Ayllu Duarte Acosta

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Ayllu Duarte Acosta e Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 32 minutos e 21 segundos

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no boxe; Relação com a Federação Rio-Grandense de Pugilismo; Boxe Amador e Profissional; Boxe no Rio Grande do Sul; Mulheres no Boxe Gaúcho; Luta Livre; Ações da Federação; Parcerias e apoios para o esporte; Criação da Federação de Judô; Antigas academias de boxe em Porto Alegre; Jorge Aveline.

Porto Alegre, 20 de março de 2015. Entrevista com Vinício Guariglia a cargo dos pesquisadores Isabela Lisboa Berté e Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Queria começar entendendo como é que tu iniciou a prática de boxe? Tinha alguma modalidade que tu praticava antes?

V.G. – Tinha, joguei futebol. Era assim... Eu morei na Rua Guilherme Alves, no Partenon¹. Lá tinha uma família... Tinha o Milton²; tinha o irmão dele, o Mauro³, e ele boxeava. Nessa época devia ter uns onze anos. Quando chegava sábado e domingo, que se reuniam, eles botavam a gurizada lá a trocar socos. Então passei a gostar, mas gostava de futebol também.

I.B. – Um pouco o senhor já respondeu... Quem é que influenciou essa escolha pelo boxe? Foi perto da sua casa?

V.G. – Foi a gurizada. Eles botavam a gurizada a jogar ali, e a gente foi pegando gosto.

I.B. – Nessa época já tinham campeonatos e academias?

V.G. – Tinha, a Federação⁴ foi fundada em [19]44, 24 de março de [19]44. Mas eu não posso te dizer como eram os campeonatos, a não ser lendo ali⁵. Ali tem aqueles livros todos, você pode dar uma olhada quando quiser. Por que em [19]44 eu tinha quatro anos.

I.B. – O senhor chegou a competir na época?

V.G. – Não pela Federação. Eu joguei algumas vezes, mas não competi pela Federação. Joguei seis vezes.

¹ Bairro da cidade de Porto Alegre.

² Nome sujeito a confirmação.

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Federação Rio-grandense de Pugilismo.

⁵ O entrevistado faz referência ao arquivo da da Federação Rio-Grandense de Pugilismo

I.B. – Enquanto atleta o senhor chegou a se relacionar com a Federação Rio-Grandense de Pugilismo?

V.G. – Não, eu não era filiado ao Pugilismo até eu chegar aos vinte e poucos anos, mais ou menos, não tenho ideia... Depois me filiei, mas aí já não jogava mais. Eu já tinha atletas. Já ensinava. Fui me aprimorando pra ser treinador de boxe. To procurando até umas...

I.B. – Umas reportagens, fotografias?

V.G. – Alguma coisa que eu possa te mostrar.

I.B. – Aos pouquinhos a gente vai vendo. Houve uma opção da Federação Rio-Grandense pelo Boxe Amador?

V.G. – Não, deixa eu te explicar. O boxe existiu sempre, desde que começaram a aparecer as Federações e Confederações. Existiu sempre o boxe profissional, aquele que recebia, e o amador, aquele que não recebia nada, mas nada mesmo, pra lutar. Então, a diferença do boxe profissional para o amador é esse aí. A Federação não escolheu. Nessa época, a AIBA, a Associação Internacional de Boxe Amador, determinou que o pessoal fosse amador, pelo menos aqui no Brasil. Se não foi a AIBA, foi o presidente da Confederação⁶, mas eu acredito que tenha sido a AIBA.

I.B. – Há uma relação hoje entre o boxe amador e o boxe olímpico?

[Chegada de Vanus Guariglia⁷ na entrevista]

V.G. – O basquete é olímpico, a ginástica é olímpica. No Boxe Amador é olímpico, a relação não é essa. Olímpico é todo aquele esporte que participa de Olimpíadas. O boxe participa das Olimpíadas, então é olímpico. Amador não tem mais nenhum que seja, porque quem vai ao Campeonato Brasileiro e chega até terceiro lugar, ganha uma bolsa do

⁶ Confederação Brasileira de Boxe.

⁷ Diretor de árbitros da Federação Rio-grandense de Pugilismo e irmão de Vinício Guariglia.

Ministério do Esporte, tá entendendo? Ganha para isso, e é amador. A relação de amador e olímpico não tem nenhuma. Olímpico é aquele esporte que participa das Olimpíadas.

I.B. – Entendi. Eu vi vários cartazes aqui e ouvi falar um pouco, até no site da Federação, sobre a atuação do Cafuringa⁸ no Boxe Rio-Grandense. O senhor pode falar um pouco? Ele foi presidente da Federação?

V.G. – Nunca foi.

I.B. – Nunca foi?

V.G.- Nunca.

I.B. – Ele é um treinador de boxe?

V.G. – Um bom treinador de boxe.

I.B. – Ele foi lutador também?

V.G. – Foi, lutou também, mais que eu. Esse lutou na Federação, tem até fotografia dele.

I.B. – Eu vi algumas fotografias. Quando o senhor assumiu a presidência da Federação.

V.G.- A primeira vez foi em [19]80 e alguma coisa, não me lembro... Depois fiquei até [19]89, mais ou menos. Vim como vice, depois passei para presidente. Fiquei até [19]89 como presidente, saí e deixei o Carlos Alberto Bortolan, que ficou dez anos. Voltei em [19]99.

I.B. – Nesses dois momentos, o senhor tem como falar como era a situação do boxe no Rio Grande do Sul? Tem uma diferença entre os anos [19]80 e [19]90?

V.G – Tem, mas eu não vou queimar ninguém, isso não faz parte da minha pessoa.

I.B. – Sim, com certeza.

V.G. – Tem pessoas que se dizem: “Eu sou isso, sou aquilo, eu sou aquilo mais, aquele lá não é nada”. E assim por diante... A Federação, com o Cafuringa como meu vice e como diretor de departamento de Boxe alcançou uma porção de momentos bons. E no primeiro tempo, sem o Cafuringa, a Federação conseguiu uma porção de momentos bons. Vou te mostrar...

I.B. – Vi que ele chegou a ir para Cuba para estudar boxe lá.

V.G. – Foi, a Federação mandou ele. Se tu puder, tu pergunta para ele como ele foi para Cuba... Quem é que pagou a passagem dele... Por que foi ele...

I.B. – A gente pensou em fazer uma entrevista com ele também.

V.G. – Pois é, deve fazer.

I.B. – Com certeza. Em que momento o senhor detectou a presença de mulheres praticando boxe?

V.G. – Quando a Rebeca⁹ e outra mulher na década de [19]60 faziam luta livre, elas boxeavam também. Então, essas duas, eu só não lembro o nome de uma.

I.B. – É, eu vi reportagens de jornais sobre mulheres praticando a luta livre no acervo da Federação. Elas chegaram a praticar boxe também?

V.G. – Praticar eu não sei, mas naquele negócio de lutar a luta livre, quando tinham espetáculos, elas algumas vezes lutavam.

I.B. – Essa popularização da luta livre em Porto Alegre, o senhor chegou a acompanhar?

⁸ Paulo Petinga.

⁹ Nome sujeito à confirmação.

V.G. – Acompanhei, conheço a maioria dos que lutaram aqui. Os de fora, os daqui, os nossos aqui... Outro dia teve outro aqui visitando. Por isso que eu te disse: seria bom tu dar sorte de um dia chegar um deles aqui. Muita coisa... Mas o que a gente não souber tá escrito li.

I.B. – Chegou a ter uma diminuída na procura pelo boxe nesse período da luta livre ou o boxe sempre resistiu?

V.G. – Não, não é resistir. É como agora tem o MMA¹⁰, não tem? Todo mundo fala maravilhas. Não sei, o atleta que mais recebe no mundo é do boxe, e o MMA tá aí. Quer dizer... É uma diferença assim... Vamos dizer que o Anderson Silva¹¹, esse nosso aqui, é Anderson Silva, não é? Quando jogou pelo título que perdeu, ele deve ter ganhado uns cinco mil dólares, não é isso?

V. A. - Mais, mais, mais...

A.A. – Bem mais.

V.G. – Cinco milhões de dólares.

V.A. - Não tanto. Talvez um milhão de dólares.

V.G. – Tá, tudo bem, mas daí eu te digo o seguinte: o Pacquiao¹² e o Mayweather¹³, qualquer um dos dois jogando ganham sessenta milhões de dólares. Está vendo? Não ofusca em nada, não faz nem cosquinha.

V.A. - Próxima luta é dia 02 de maio [de 2015], eles devem receber em torno de cento e cinquenta milhões de dólares cada um, digo esses dois lutadores de boxe.

¹⁰ Artes Marciais Mistas.

¹¹ Anderson da Silva.

¹² Emmanuel Dapidran Pacquiao.

¹³ Floyd Mayweather Jr.

A.A. – Pela vitória?

V.A. - Não, eles vão receber. Pela vitória vai ter outra coisa.

A.A – Independente.

V.G. – Lê aqui.

V.A. - O ano passado, 2014, o Messi¹⁴, o Cristiano Ronaldo¹⁵ e o nosso...

A.A. – Neymar¹⁶.

V.A - Neymar Júnior. Não ganharam o que ganhou Mayweather. Os três juntos devem ter ganhado em torno de seiscentos, setecentos milhões de dólares.

I.B. – Esse é um time de boxe? [Fotografia apresentada por Vinicio]

V.G. – É uma equipe de boxe.

I.B – De que ano?

V.G. – [19]82. Eu era presidente.

I.B. – Houve atletas, representantes do Rio Grande do Sul, que foram para Olimpíadas?

V.G. – Não houve.

I.B. – Mas pra campeonatos a nível nacional assim?

¹⁴ Lionel Andrés Messi.

¹⁵ Cristiano Ronaldo dos Santos Aveiro.

¹⁶ Neymar da Silva Santos Júnior.

V.G. – Nível nacional uma porção. Tem um atleta do Cafuringa que está nos Estados Unidos. Foi pra lá na época que o Popó¹⁷ estava no auge, levou ele. Ele ficou por lá, acabou se casando com uma moça que é...

V.A. - Agente do FBI¹⁸. Ele casou com uma agente do FBI. [Risos]

V.G. – Aí ficou por lá. Tem duas filhas.

I.B. – Mas para as seletivas do Campeonato Brasileiro, tem atletas que ganham Bolsa Atleta¹⁹ no Rio Grande do Sul?

V.G. – Tem uma porção de atletas brasileiros que disputam as Olimpíadas, mas gaúcho não tem nenhum. Mesmo eu achando que poderiam ter ido, acontece que resolveram parar nos Pan-americanos²⁰. Acho que nem foi nos Pan-americanos...

V.A. - Foi, foi.

V.G. – Não, aquilo ali foi uma eliminatória.

I.B. – O senhor lembra quando veio alguma atleta pedir para treinar ou uma mulher pedir para treinar boxe com o senhor? Década de [19]90 ou [19]80 aconteceu isso?

V.G. – Eu formei, uma professora de Educação Física, eu formei ela professora de boxe. Ela passou, posteriormente, a dar aula no Colégio Viamão.

I.B. – Não houve resistência? Algum treinador ou o senhor mesmo já teve receio que mulheres lutassem ou competissem no boxe? Ou nunca teve um impedimento?

¹⁷ Acelino “Popó” Freitas.

¹⁸ Federal Bureau of Investigation.

¹⁹ Programa do governo brasileiro de patrocínio individual de atletas.

²⁰ Jogos Pan-Americanos.

V.G. – Antes não se fazia isso por que não se fazia. Como a primeira vez que eu vi uma mulher dirigindo um automóvel... Um automóvel não, um caminhão, me horrorizei. Eu tinha acho que há uns dezesseis ou dezessete anos. Não era comum.

I.B. – A partir do momento em que elas começaram a ocupar outros espaços...

V.G. – Foi gradativamente natural. Começaram a fumar, começaram a todas essas coisas.

I.B. – Hoje existem muitas atletas mulheres praticando boxe pela Federação?

V.G. – Existe uma porção. Se tornou natural mulher treinar boxe e mulher dizer que treina também, porque tem as que dizem que treinam e não treinam merda nenhuma. É Verdade. Agora, eu estava fazendo um xerox, uma mulher me disse: “Eu não sabia desse campeonato”. Eu digo: “Por quê tu tinha que saber?”. “Eu treino boxe”. Eu digo: “Treina com quem?”. “Treino ali na academia”. Então eu digo: “Quem é que da aula ali?”. “Fulano”. Eu digo: “Não sei quem é”. Não sei mesmo. Queria dizer: “Bah, que bom, aparece lá”. Acabei que no final, para não ficar ruim para ela... Que ela falou assim alto para se destacar.

I.B. – Nesse campeonato que vocês estão organizando agora, por exemplo, vai ter participação de mulheres se elas se inscreverem?

V.G. – Claro, com certeza. Isso aí é a mesma coisa. Aqui eu só estou vendo cadete²¹ e juvenil²². Tem um de dezenove anos e tem um adulto, o Eli²³. Então, é por aí a coisa.

I.B. – Bom, estou vendo a organização do Campeonato. Quais são as principais ações da Federação Rio-Grandense de Pugilismo?

V.G. – Ações em que sentido?

I.B. – Organização de campeonatos... Tem aqui a sede da Federação...

²¹ Classificação de idade do boxe de 15 e 16anos.

²² Classificação de idade do boxe de 17 e 18 anos.

V.A. – Projetos sociais...

I.B. – É.

V.G. – Tu quer saber o que a Federação faz?

I.B. – As ações da Federação.

V.G. – A Federação é um órgão que normatiza o esporte no estado. Deveriam existir promotores de lutas para fazer essas ações, como não existe, a Federação faz. Faz lutas, faz curso de instrutor de boxe e treinador de boxe – técnicas avançadas e básico – e assim por diante... Curso de juiz, jurado e árbitro e tem um programa social, que faz dezesseis anos que existe, o “Conhecendo o Boxe”. É a Federação que organiza e é gratuito para o pessoal aqui.

I.B. – Tá ótimo! Esse é o projeto que é desenvolvido aqui no CETE²⁴ que é o “Conhecendo o boxe”?

V.G. – Aqui no CETE.

I.B. – E lá em Canoas?

V.G. – Lá em Canoas, eu que faço isso aí há bastante tempo. Também tem aqui... [mostra reportagens] São dois atletas meus aqui jogando.

I.B. – Bah, que legal! No Marinha do Brasil²⁵?

V.G. – No Parque Marinha do Brasil.

I.B. – Montaram um ringue lá e aconteceu a luta?

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

V.G. – É isso aí.

I.B. – Que legal! Depois eu vou querer dar uma olhada nessas reportagens. Hoje existem investimentos? Como é que está o boxe no Rio Grande do Sul?

V.G. – Como é que está em que sentido?

I.B. – No sentido de investimentos do governo.

V.G. – O governo não tem projeto esportivo, tem projeto político. O governo passado cedeu essa sala aqui para diversas Federações de luta. Então, tem aqui Muay Thai, tem Kickboxing, tem Boxe, tem MMA.

A.A. – Fora o governo tem algum investidor, um patrocinador, alguém que apoie o esporte?

V.G. – Ninguém.

I.B. – Como o senhor vê a sua atuação e a sua contribuição no Boxe do Rio Grande do Sul?

V.G. – Comum, só tenho vontade de fazer. É uma contribuição comum.

I.B. - Tem uma pergunta que eu queria fazer, eu não sei se o senhor acompanhou. Em que momento foi criada a Federação de Judô²⁶? Que momento ela saiu da Federação?

V.G. – Tem que pegar os jornais, pegar aqueles recortes lá para ver, porque eu não tenho nem ideia. O professor Loanzi²⁷ era da Federação de Pugilismo, ele era mestre maior de Judô, dava aula no Ruy Barbosa²⁸. Ruy Barbosa é ali onde era o shopping, era um clube de

²⁵ Parque Marinha do Brasil.

²⁶ Federação Gaúcha de Judô.

²⁷ Aloísio Bandeira de Melo.

²⁸ Sport Club Ruy Barbosa.

futebol que existia antigamente. Shopping da Rua da Praia com a Rua Caldas Júnior. Ali eu dei aula. Não sei que data foi.

V.A. - Foi ele que ficou de presidente quando tu saiu?

V.G. – Não sei quem é que foi o presidente. As filhas dele ficaram com uma porção de coisas de história dele, devem ter doado para Federação de Judô, porque quando ele morreu já existia a de Judô. Muita coisa a gente não ficou sabendo. Acho que em [19]80 ele já devia ter oitenta anos por aí, mais ou menos, não tenho certeza.

I.B. – Essas modalidades que a gente vê aqui, o Muay Thai e o Kickboxing, elas permanecem integrantes da Federação de Pugilismo ou não?

V.G. – Não, cada um tem a sua Federação.

I.B. – Hoje a Federação de Pugilismo ela...

V.G. – Só atende boxe.

I.B. – Entendi.

V.G. – Antes era uma Federação eclética. O cronograma esportivo brasileiro era diferente. Era o Conselho Nacional de Desporto, a Confederação Brasileira de Pugilismo, estou falando do boxe, como tinha a Confederação Brasileira de Futebol, depois Federações em cada estado. O esporte vinha para o Brasil, a CNB²⁹ aprovava e jogava dentro da Confederação de Pugilismo, que mandava para as Federações de Pugilismo e se formava um departamento. Era assim que funcionava a coisa.

I.B. – Lendo algumas coisas sobre o boxe, eu vi que tinham algumas academias ali no centro, uns ginásios onde eram realizados os campeonatos. Uma era onde é a Reitoria da UFRGS³⁰, outra ali na Borges³¹.

²⁹ Conselho Nacional de Desporto.

³⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

V.G. – Na Borges teve em dois lugares: teve na subida do Viaduto³², quem vem do Centro³³ para o bairro, à direita ali onde está aquela cristaleira que é do INSS³⁴, é isso?

A.A – Uhum.

V.G. – Ali era o “Estadinho”³⁵.

I.B. – É, eu ouvi falar.

V.G. – Depois, quando terminou ali, eles foram onde era o “Mata Borrão”³⁶. Tu não sabes nem o que é isso.

I.B. – [risos]

V.G. – “Mata Borrão” era uma coisa assim... Deixa eu ver se sei desenhar... É um troço assim e assim. Ali teve boxe. Depois passaram para outras coisas. [trecho inaudível] Chamavam “Mata Borrão”.

I.B. - Essa academia “Estadinho” que época era, mais ou menos?

V.G. – Eu acho que eu tenho até foto, não minha, mas de uma gurizada dessa época.

I.B. – Tem um... Eu vi um nome, ele até é professor universitário, Aveline...

V.G. – Jorge Aveline³⁷.

I.B. – Isso. Ele tem uma participação grande no boxe também?

³¹ Avenida Borges de Medeiros, importante via da cidade de Porto Alegre.

³² Viaduto Otávio Rocha, cruza por cima da Avenida Borges de Medeiros.

³³ Centro Histórico, bairro da cidade brasileira de Porto Alegre.

³⁴ Instituto Nacional do Seguro Social.

³⁵ Estádio de boxe, localizado no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre, fechado em 1967.

³⁶ Localizado na esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Rua Andrade Neves.

³⁷ Professor, presidente da Federação Rio-grandense de Pugilismo na década de 1950.

V.G. – Tem.

I.B. – O senhor conheceu ele?

V.G. – Conheci. Conheci e fiz torneio em homenagem a ele.

I.B. – Ele tem até uma coluna no jornal.

V.G. – Teve, ele é morto.

I.B. – Sim, ele morreu.

V.G. – Acho que não tá por aqui... [procura reportagens]

I.B. - Nessa época, eu ouvi falar, que ele trazia vários lutadores. Lutadores passavam por aqui e tinham alguns espetáculos. Era o que acontecia, por exemplo, no “Estadinho” também...

V.G. – É, às vezes acontecia muito disso. O presidente da época era o Tarzan Mirim³⁸, era o Dorneles³⁹.

I.B. – Tinha um público bom para essas lutas?

V.G. – Mesma coisa de hoje.

I.B. – Mesma coisa de hoje. Quem gostava...

V.G. – Quem gosta... É aquilo que eu digo quando o cara: “Eu queria fazer uma aula para experimentar, para ver se eu gosto.” Digo para ele: “Boxe é que nem mulher, tu gosta ou tu não gosta. Já sabe se gosta. Não adianta tu vir querer experimentar. Aqui não tem chance

³⁸ Nome sujeito a confirmação.

³⁹ Nome sujeito a confirmação.

de experimentar”. Aqui é no antigo campo do internacional. [mostra fotografia] Aqui é o mestre Borba⁴⁰ num exame de faixa de [trecho inaudível].

I.B. – Então o boxe é uma paixão?

V.G. – Esse aqui tu conhece? [mostra fotografia]

I.B. – Não.

V.G. – Foi presidente do Brasil.

I.B. – Getúlio⁴¹?

V.G. – Não, Figueiredo⁴². Isso foi em uma fazenda que foi do avô dele em São Sepé⁴³.

I.B. – Esse é teu arquivo pessoal?

V.G. – Não, isso aqui eu guardei porque às coisas, às vezes... Eu comecei a pegar e recuperar algumas coisas porque as coisas acontecem e tu fica pensando, e eles ficam te dizendo... Tu sabe que eu sou sambista?

I.B. – Isso eu não sabia ainda.

V.G. – Ah, não sabia. Mas se eu disser isso, as pessoas olham para mim e dizem que é mentira. Só tem uma maneira de eu comprovar isso, não é verdade? Vou ver se eu tenho aqui e te mostro.

I.B. – Não sei se tu tem mais alguma pergunta...

A.A. – A próxima ali seria da participação e contribuição dele para o boxe gaúcho.

⁴⁰ Nome sujeito a confirmação.

⁴¹ Getúlio Dornelles Vargas.

⁴² João Baptista de Oliveira Figueiredo.

⁴³ Município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul.

I.B. – Essa eu perguntei.

A.A – Uhum.

I.B. – O senhor teria mais alguma coisa que gostaria de deixar registrado?

V.G. – Não. Tu tem que procurar, que eu não vou dizer muita coisa, não vou falar mal de ninguém. Prefiro ir eu na cara do cara e falar, enfiar a mão nele se for preciso, mas eu sou sambista, eu tenho como provar.

I.B. – Imperadores do Samba⁴⁴. Que legal.

V.G. – Então eu posso provar isso.

I.B. – Isso é antigo, né?

V.G. – É. Agora eu dizer eu sou sambista, eu fui, e não tenho nada para mostrar. Só dizer não é comigo. Só dizer a pessoa não presta e não ter como provar, não é para mim isso aí.

I.B. – Sim. Então eu acho que é isso, né? Muito obrigada, professor.

V.G. – Se vocês quiserem ler os livros lá... Quiserem pegar os livros para ler...

I.B. – O acervo aqui da Federação dá um...

V.G. – O nome ali é Biblioteca Jorge Aveline.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴⁴ Sociedade Recreativa Beneficente Imperadores do Samba, escola de samba da cidade de Porto Alegre.